



## O Adolescente e a Família

### The Adolescent and the Family

Maria José Paro Forte<sup>1</sup>

Serviço Social do Instituto da Criança do HC FMUSP

Unitermos: Adolescente, Família, Relacionamento familiar, Atuação do assistente social  
Keywords: Adolescent, Family, Family relationship, Social worker role

#### RESUMO

A família, em nossa sociedade, é o primeiro agente socializador da criança e do adolescente. As características da família têm influência direta nas características do adolescente (nível interno e relacionamento com o meio externo). A sociedade oferece um modelo de família (família pensada), mas as famílias vão estabelecendo um modo de viver cotidiano (família vivida). Cada família tem sua especificidade e esta deve ser considerada em todo trabalho envolvendo famílias. No geral, o adolescente é parte integrante do sistema familiar; portanto, a família deve ser considerada e trabalhada no atendimento de adolescentes. O relacionamento estabelecido entre

família e adolescente está na dependência do posicionamento dos pais frente ao processo adolescente dos filhos. O artigo cita exemplos de falas de adolescentes sobre o relacionamento estabelecido com a família, especialmente os pais. Percebe-se a necessidade de que haja conhecimento e compreensão sobre as características do processo adolescente para que o relacionamento seja harmonioso e facilitador da vivência do processo adolescente.

No atendimento de adolescentes, o assistente social deve atuar na linha de orientação com adolescentes e/ou família, enfocando a adolescência, o relacionamento familiar e o relacionamento mais amplo com a sociedade.

#### Introdução

O Estatuto da Criança e do Adolescente<sup>2</sup>, em seu Capítulo III, Seção I, artigo 19, estabelece: "Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária..." De acordo com o E.C.A., a família é revestida de deveres e factível de ser punida. Ao mesmo tempo, todas as medidas de proteção reforçam o vínculo familiar como primeiro e fundamental no desenvolvimento da criança e do adolescente.

#### *A Família como Agente Socializador*

O E.C.A. vem de encontro ao posicionamento da nossa sociedade atual, que enfatiza a família como a primeira instituição socializadora da criança. Segundo Lane<sup>3</sup>: "A introdução do homem na sociedade é realizada pela socialização, inicialmente a primária e, pos-

teriormente a secundária. Na nossa sociedade, a socialização primária ocorre dentro da família, e os aspectos internalizados serão aqueles decorrentes da inserção da família numa classe social, através da percepção que seus pais possuem do mundo, e do próprio caráter institucional da família..."

Os mecanismos de socialização são estruturalmente engendrados e definidos. O processo de socialização só pode ser tratado como um processo evolutivo da condição social da criança, considerando-se sua origem de classe.

Como a família é a primeira instituição socializadora da criança, é ela que desempenha o papel de organizadora primária da sociabilidade e da sexualidade, bem como dos laços de dependência emocional entre seus membros. Na dependência das características da família é que vão surgir determinadas características do adolescente, considerando-se estas não só no nível interno do adolescente, mas também no nível de seu

<sup>1</sup> - Supervisora da Divisão de Serviço Social do Instituto da Criança, Assistente Social da Unidade de Adolescentes do Instituto da Criança.



relacionamento com o meio externo. E, as características da família estão em relação direta com sua situação de classe: "...os membros de diferentes classes sociais têm diferentes condições de vida, percebendo o mundo diferentemente, desenvolvendo diferentes concepções de realidade..."<sup>8</sup>.

As relações emocionais assumem aspectos diversos na dependência da situação social e econômica na qual a família se insere. Conforme Pfromm neto<sup>9</sup>: "...fazer parte de uma família que pertence a uma determinada classe social significa a intervenção na vida de cada adolescente, de um complexo de características típicas dessa classe, que vão influir sobre o desenvolvimento do jovem, moldar sua personalidade..."

A família, enquanto unidade, é formada por um conjunto de pessoas, cada uma com sua dinâmica interna, configurando uma rede de relações, ou seja, um sistema familiar. Há a dinâmica interna das pessoas e a dinâmica da família, numa interdependência contínua. Em sua dinâmica como um todo, a família sofre influência direta do econômico e do cultural.

### ***A Família na Sociedade Atual***

Historicamente, podemos observar uma evolução do modelo de família. Na nossa sociedade atual, a família "se estabelece a partir da decisão de algumas pessoas conviverem assumindo o compromisso de uma ligação duradoura entre si, incluindo uma relação de cuidados entre os adultos e deles para com as crianças que aparecem nesse contexto. Esse compromisso é cumprido independentemente de formalidades legais da nossa sociedade civil que regem casamento, separação, etc."<sup>6</sup>

A mulher, no geral, é quem assume os cuidados com as crianças. A ligação dos filhos é mais intensa em torno da figura da mãe. Muitas vezes, os homens entram e saem de determinada família, formam outras famílias, e o núcleo continua sob a responsabilidade da mulher. No estudo realizado pelo SEADE<sup>5</sup> sobre as Condições de Vida na Região Metropolitana de S.P., abrangendo 5.500 domicílios, constatou-se que 17% das famílias eram chefiadas por mulheres, mas a oscilação da figura masculina atinge mais de 50% das famílias em São Paulo. O estudo constatou interferências no processo de socialização de crianças e adolescentes nas famílias chefiadas por mulheres. "É bem mais significativo nas famílias com chefes do sexo feminino, o percentual de crianças que estudam e trabalham. Consideradas aquelas que trabalham e não estudam, verifica-se que sua presença é bem mais inten-

sa nas famílias com chefes do sexo feminino... A reprovação no 1º grau e a defasagem na correlação série freqüentada e idade, expressa pelo atraso escolar das crianças, também são elementos de maior significância nas famílias chefiadas por mulheres..."

Famílias são constituídas em torno da figura da mulher, mas a sociedade ainda oferece o modelo familiar considerado certo: uma estrutura familiar em torno de um homem provedor. As famílias vão se adaptando aos problemas do dia-a-dia, vão vivendo suas especificidades, mas há um modelo referencial invocado pela família, "A este modelo dá-se o nome de "Família Pensada". O modo de viver cotidiano é denominado "Família Vivida".<sup>6</sup>

### ***Família Pensada***

O grupo social pressiona para a adoção de um modelo - o "pensado grupal", determinando consequências para os que agirem diferentemente desse pensado. Já, agir coerentemente com o modelo, preserva socialmente a própria imagem.

O modelo pensado direciona as escolhas e as decisões das pessoas quanto ao que fazer na vida, quanto às expectativas em relação aos membros da família, quanto aos sentimentos em relação aos outros e quanto à imagem de si mesmo. Não conseguir viver o "sonho" (modelo), gera frustração por ser visto como incompetência. Se não estou vivendo o modelo, o errado sou eu.

A sociedade nos oferece um modelo pensado, mas o pensado é também formado no decorrer da vida em família. Há expectativas, crenças, regras, valores, que vão sendo, gradativamente, construídos dentro da cultura familiar. E há também o componente individual na construção da família pensada, pois cada pessoa tem expectativas, crenças e valores próprios; tem a sua história de vida, que a leva a pensar de forma pessoal. Assim, há três vertentes na formação do pensado: o cultural e o social mais amplo, o cultural e o social mais restrito e o individual.

### ***Família Vivida***

"O conceito de família vivida refere-se aos modos de agir habituais dos membros de uma família. É a família que aparece no agir concreto do cotidiano, que poderá ou não estar de acordo com a família pensada".<sup>6</sup>

As soluções que têm que ser tomadas no dia-a-dia nem sempre estão de acordo com o caminho idealizado. Pode aparecer como o caminho indesejado, transitório, provisório.



Os modos de relacionar-se com os outros são apreendidos e vivenciados em família e refletem os significados que foram sendo atribuídos, ao longo das gerações, ao outro, ao mundo e à vida. Os modos de ser habituais, apreendidos nos anos de convívio com a família, fixam-se e são transferidos para outras relações fora dela. O agir cotidiano é irrefletido e nem sempre corresponde ao pensar idealizado.

É importante refletir sobre o vivido, sobre os hábitos que estão cristalizados para que se possa descobrir novas possibilidades de ação e novas formas de ver o mundo, as pessoas e as relações.

O vivido e o pensado não ocorrem num vazio - acontecem na interação com os outros, envolvendo emoções, sentimentos. O que pensamos e o que vivemos estão sempre interligados.

Podemos observar que não há uma definição única de família, não há um "modelo ideal". O ideal para uns pode não o ser para outros. Cada família tem sua especificidade e estabelece um código próprio (constituído de normas e regras). Cada indivíduo se apropria deste código e o usa. Cada um tem sua identidade, mas há uma organização interna à família. É importante compreender o conjunto, o que acontece com as unidades interrelacionadas e facilitar a construção de um pensamento pessoal crítico, que implique numa responsabilidade pessoal pela escolha dos rumos do vivido.

### **Atuação Profissional no Trabalho com Famílias**

Segundo as sugestões de Gomes<sup>6</sup>, no trabalho com famílias devemos:

- "procurar compreender a problemática apresentada e evitar julgamentos baseados em preconceitos científicos, moralistas ou pessoais... Só é possível dialogar com a família, em vistas de mudanças no seu modo de agir, se primeiro tentamos compreender o seu referencial, sem julgá-la, recriminá-la, simplesmente porque não partilha de nossos valores... É óbvio que quando se trata de famílias - com procedimentos que ameaçavam a vida e a integridade da criança e adolescente, como no caso de violência física e abuso sexual - a ação tem que ser imediata e radical.

- reconhecer que as escolhas de conduta estão no âmbito da própria família. O saber acumulado é útil na compreensão da problemática apresentada e no alargamento do campo das possibilidades de ação, mas é necessário se estabelecer um trabalho conjunto, com diálogo e participação.

- trocar informações, pois estas possibilitam a descoberta de significados comuns... Considerar a família como sendo capaz de, com a devida orientação, encontrar saídas para seus próprios problemas..."

### **Família e Processo Adolescente**

#### **Por que considerar a família no processo adolescente?**

Em primeiro lugar, devido ao papel de agente socializador primário que a família exerce em nossa sociedade. Também porque o adolescente, no geral, ainda é um ser dependente da família, seja ao nível financeiro, seja ao nível das relações emocionais. Convivendo no interior de uma família, o adolescente é parte integrante da mesma, compondo, em conjunto com os outros membros, o sistema familiar. Partilha, com a família, a questão da família pensada e família vivida. Então, a família deve ser considerada e trabalhada no atendimento de adolescentes.

Enfocando o processo adolescente no contexto familiar, há várias especificidades<sup>3</sup>. Para muitos pais, a percepção de que o filho está se tornando um adolescente só acontece ao se darem conta das modificações corporais ocorridas com o filho. O desenvolvimento psicossocial não é considerado. Há muitas queixas associadas aos comportamentos dos filhos porque estes não são entendidos como característicos da adolescência, mas sim percebidos como "malcriação" dos filhos (comportamentos não aprovados). Muito frequentes são as queixas quanto à instabilidade de comportamento, indisciplina, rebeldia dos filhos.

É importante se considerar as expectativas da família frente ao adolescente. No processo de estabelecimento da identidade do adolescente<sup>1</sup>, pede-se a ele independência em relação à família, ao mesmo tempo em que se espera dele comportamento de obediência e submissão. Em nossa sociedade, no geral, adolescência se caracteriza por uma condição que não é mais a de criança, mas nem deve ser ainda a do adulto. É a "condição de adolescente", selada pela provisoriedade.<sup>10</sup>

Os filhos lutam pela independência de modo ambivalente (querendo e não querendo) e os pais também se comportam de modo ambivalente, pois ao exigirem a independência de seus filhos com relação a eles mesmos, também o fazem de modo ambíguo, comportando-se como bloqueadores da independência dos filhos. Muitos pais atuam com rigidez intensa frente a seus filhos, gerando conflitos. Outros atuam



com permissividade extrema, deixando de orientar o filho num momento tão importante de estruturação de sua personalidade. O adolescente quer independência, mas também quer e precisa de limites.

Por outro lado, há muitos pais que compreendem a adolescência como um processo na vida do filho, agindo como facilitadores da vivência deste processo, ou seja, mantendo postura de diálogo, de abertura para com o filho.

As falas dos adolescentes refletem o relacionamento:

**“...eu fui uma dolescente muito reprimida, você não pode fazer isso... você não pode sair.. Eu sempre fui uma coitadinha... Isso foi me criando uma revolta”.** (fem., 18 anos)

**“...não me dou bem... Na idade assim da gente, quer sair, se divertir a minha mãe proíbe tudo, então, não me dou muito bem com ela, a gente briga... meu pai é o pior de todos.”** (fem., 13 anos)

**“...Nunca tive brigas com meu pai e minha mãe por causa do problema da adolescência, isso não. Ao contrário, sempre procuraram esclarecer mais, me ajudarem mais, não ficavam botando coisas na minha cabeça. Muito ao contrário, sempre me ajudaram.”** (mas., 16 anos)

**“...E o relacionamento entre eu e meus pais sempre foi uma coisa muito aberta, a gente pode chegar, conversar, debater o que precisa, não tem uma coisa de repressão... vou crescendo, eles estão acompanhando...”** (fem., 16 anos)

Há pais que criam expectativas de desempenho em relação ao adolescente, às quais este pode não corresponder (como exemplo: desempenho escolar, ingresso no mercado de trabalho). Em sua frustração, os pais podem rotular o adolescente como problema. É importante desmistificar o rótulo do adolescente como problema e refletir com a família sobre situações específicas.

Os adolescentes, quando comentam sobre a forma como percebem o relacionamento com seus pais, enfatizam os seguintes aspectos:

- falta de diálogo;
- não aceitação das opiniões emitidas pelos adolescentes;
- proibição para saírem (festas, bailes, passeios com amigos) – sentem-se presos;
- falta de compreensão quanto a desejos dos adolescentes;
- pais, como adultos, se colocam numa posição superior frente aos adolescentes;

- repressão das atividades das adolescentes do sexo feminino, por temor aos seus envolvimento sexuais;
- não aceitação do namoro adolescente;
- falta de colaboração mútua entre pais e adolescentes, na compreensão de uns e outros;
- excesso de “conselhos” por parte dos pais;
- não aceitação da forma como os adolescentes desempenham serviços domésticos.

### ***Atuação do Assistente Social junto à Família do Adolescente***

A abordagem à família deve levar em conta todos os aspectos mencionados. O trabalho do assistente social é na linha de orientação familiar.<sup>4</sup>

Aspecto a ser ressaltado é que todo trabalho com a família não pode ser de urgência. O ideal seria um trabalho com todos os membros da família em conjunto, mas este nem sempre é viável em instituições, optando-se pelo trabalho de orientação com o responsável, que geralmente é a mãe, mas buscando-se a participação dos outros elementos, conforme a necessidade.

Outro aspecto importante é a questão do reconhecimento do limite da atuação profissional. Quando a problemática extrapolar a capacidade de atuação do profissional, este deve ter consciência de seus limites e encaminhar para recursos especializados.

Como exemplos de atuação do assistente social no trabalho com adolescentes/famílias podemos citar:

- reflexão com a família, sobre as características da fase da adolescência e sobre o posicionamento dos membros da família, em especial os pais, frente ao processo adolescente;
- reflexão com os próprios adolescentes, sobre as dificuldades dos pais no enfrentamento do processo adolescente dos filhos, sobre o posicionamento da sociedade frente ao adolescente, sobre o relacionamento com os adultos em geral;
- reflexão sobre os aspectos da dinâmica interna da família;
- reflexão sobre o relacionamento família - estrutura social.

### ***Summary: The Adolescent and the Family***

***Family is the first socialization agent of child and adolescent in our society. The family characteristics have a direct influence on the adolescent characteristics (internal level and relationship with external environment). Society provides a***



*family pattern (imagined family), but families develop a daily way of living (family experienced). Each family has its specificity and this should be taken into account in every work involving families.*

*As, in general, the adolescent is part of the family system, the family should be considered and worked on health programs dealing with adolescents. The established relationship between family and adolescent depends on parents behavior concerning their children's adolescent process. The article quotes examples of adolescent opinions about the relationship established with the family, mainly parents. It is noticed a necessity of getting acquainted with and understanding the adolescent process characteristics, so that the relationship is harmonious and facilitates this process experience.*

*On programs dealing with adolescents, the social worker should act on the orientation line with adolescents and/or family, approaching adolescence, the family relationship, as well as the ampler relationship with the adolescent.*

### **Referências Bibliográficas**

1. ABERASTURY, A. e KNOBEL, M. A Adolescência normal. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1981.
2. Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990.
3. FORTE, M.J.P. Necessidades sociais e serviços de saúde: a assistência ao adolescente em São Paulo, tese de mestrado, SP., PUC, 1989.

4. FORTE, M.J.P. Relação assistente social - adolescente in MAAKROUN, M.F. Tratado de adolescência: um estudo multidisciplinar. Rio de Janeiro, 1991, cap. 3, p. 228-32.
5. FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS (SP). Famílias chefiadas por mulheres. São Paulo. SEADE, 1993.
6. GOMES, H.S.R. Trabalhando com famílias. Cadernos de Ação 1. Instituto de Estudos Especializados da PUC-SP/CBIA-SP, São Paulo, Cortez Editora, 1992.
7. LANE, S.T.M. e CODO, V. Psicologia social: o homem em movimento. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984.
8. LAPIN, A.M.P.F. Percepções de adolescentes: relações pais e filhos e características parentais. Tese de Mestrado, S.P., PUC, 1983.
9. PFROMM NETO, S. Psicologia da Adolescência. São Paulo, Pioneira, Brasília, INC, 1976.
10. TIBA, I. Puberdade e adolescência: desenvolvimento biopsicossocial. São Paulo, Agora, 1980.

*Recebido para Publicação: 14/12/95*

*Aceito para publicação: 09/02/96*

### **Endereço para Correspondência**

Maria José Paro Forte  
Serviço Social do Instituto da Criança HCFMUSP  
Rua Dr. Enéas de Carvalho Aguiar nº 647  
Cerqueira César - São Paulo - CEP 05403-000